



UDESC

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA: NARRATIVAS DE UMA OFICINA NA EJA

SILVIO ALEXANDRE DE MEDEIROS

FLORIANÓPOLIS 2017

SILVIO ALEXANDRE DE MEDEIROS

OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA: NARRATIVAS DE UMA OFICINA NA EJA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Geografia, do Centro de
Ciências Humanas e da Educação - FAED,
como requisito para a obtenção de título de
Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.a Dra. Rosa Elisabete
Militz Wypyczynski Martins

Co-orientadora: Prof.a Ms. Larissa Corrêa
Firmino

FLORIANÓPOLIS – SC

2017

SILVIO ALEXANDRE DE MEDEIROS

OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA: NARRATIVAS DE UMA OFICINA NA EJA

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito para obtenção do título de licenciado em geografia, no Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Banca examinadora:

Orientadora:

..... Prof.a Dra. Rosa Elisabete Militz Wypyczynski

Martins

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Co-orientadora:

..... Prof.a Ms. Larissa Corrêa Firmino

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:

..... Prof.a Dra. Ana Maria Hoepers Preve

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:

..... Prof. Lucas Gonzaga Coelho

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:

..... Prof. Ms. Luiz Martins Junior

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 06 de dezembro de 2017.

Dedico este trabalho à minha base familiar que apoiou minhas escolhas: minha mãe, Maria, e meus irmãos, Sidnei e Silvana.

Por uma educação mais justa e igualitária para todos e todas.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer a Deus, por ter saúde, perseverança e fé nesta longa caminhada, e também à minha família e amigos por estarem sempre ao meu lado.

É difícil citar nomes, pois foram tantas as pessoas que me acompanharam nesta longa jornada, que não tenho palavras para demonstrar meus agradecimentos, pois este trabalho não é mérito meu apenas, mas sim de todos que de algum jeito me ajudaram a seguir em frente. Para todas estas pessoas o meu muito obrigado, do fundo do meu coração.

Agradeço minha mãe, meus irmãos, minhas sobrinhas, e a toda família e amigos pela paciência e confiança a mim investidos.

Não tenho palavras para agradecer, aos meus amigos e colegas do curso de Licenciatura em Geografia. Entre muitos eu gostaria de citar aqui, Thales, Giovane, Ricardo, Neemias, Cristiano, Eduardo, Átila, Larissa, Larissa Anjos, Natália, Danilo, Fernando, Yuri, Ana Paula, Ayrian, Aquiles, Francine, Davi, João, Filipe Aderbal, Suelen, Giovane (Fera) e tantos outros. Queria fazer um agradecimento especial aos meus amigos da graduação e agora mestrandos Lucas e Angel pela grande ajuda na confecção deste trabalho de conclusão de curso. Muito obrigado!

Agradeço também a todos os meus amigos da vida, que estão comigo em momentos bons e ruins, desde sempre, Rafael (Kiko), Rodrigo (Calota), Fábio (Xaralita), Juninho, Filipe, Eduardo (Zolho), Seu Valter, Beto, Jean, Tadeu, Jaques, Jaba, Ya, Deco, Ronaldo, Cley, Nanão, Dj Fernando, Jardel, Pedrinho Adriana, Marcão, Da Silva, Moita, João Caibar e tantos outros que seriam impossíveis de serem descritos aqui.

Gostaria também de agradecer a Professora Ana Preve, por me inspirar na escolha do tema deste trabalho, que surgiu através de uma proposta de aula na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia. Aos amigos e amigas do Lepegeo, do PET de Geografia, do LabGeo e do LabPlan, que indiretamente me deram o suporte que precisei.

Agradeço incondicionalmente a todos os professores que contribuíram com minha formação acadêmica, política, profissional e geográfica: Chico, Maurício, Karina, Carina, Amanda, Raphaela, Edna, Samuel, Fábio, Ricardo, Graciana, Vera, Daniela, Isa, Gabriel, Giovane, Pimenta, Jairo e tantos outros ofereço minha admiração e respeito.

Gostaria de deixar um abraço especial ao Prof. Lucas, por ele ser esta pessoa que ele é, por sua amizade, pelo seu jeito de dar aulas de Geografia, e pelo seu empenho em melhorar a UDESC e a sociedade, pois busco me espelhar em seus ensinamentos.

E por último sou imensamente grato pela orientação deste trabalho de conclusão de curso realizado pelas Professoras Rosa Elisabete Militz Wypyczynski Martins e Larissa Corrêa Firmino, pois sem elas seria impossível desenvolver este projeto voltado à Educação e ao Ensino de Geografia. Muito obrigado por este voto de confiança e por acreditarem no meu potencial.

Por fim gostaria de agradecer à todos e todas que acreditam na formação de novos Professores voltados ao ensino de Geografia. Muito obrigado!

*“Não diga que a vitória está perdida.
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida.
Tente outra vez!”*

Raul Seixas (1975)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como objetivo geral compreender o conceito de obsolescência programada através da operacionalização de uma oficina pedagógica que foi feita junto a uma turma de ensino fundamental, nos anos finais do Ensino de Jovens e Adultos, no ano de 2014, utilizando as aulas ministradas na disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II (Prática de Ensino em Geografia II - Ensino Fundamental). A noção de obsolescência programada é a temática central deste TCC, e junto a esta noção foi moldada e tramada uma oficina a ser trabalhada juntamente a uma turma de EJA. A obsolescência programada trata-se de uma estratégia do modelo de desenvolvimento capitalista, em que as empresas criam mecanismos com intuito de encurtar o ciclo de vida útil de seus produtos para que durem menos do que a tecnologia permite, sendo possível a partir de esta noção ter uma maior compreensão da dinâmica social. A oficina será compreendida e operada neste TCC, como um conceito teórico e metodológico, estando ligada com a ideia de um fazer pedagógico que estabelece relações, com o ensino de geografia. As oficinas operam mecanismos estratégicos diferentes daqueles utilizados na maioria das vezes nas escolas, criando um novo território do pensar, onde tudo pode vir a acontecer neste processo. Desta forma, as oficinas são compreendidas aqui como o território de um fazer em educação. Abordar a noção de obsolescência programada através de oficinas que movimentam questões relacionadas ao ensino de geografia, nos mostra o processo pelo qual a noção de obsolescência programada é compreendida e alargada junto a uma turma de EJA.

Palavras-chave: Obsolescência programada; EJA; Oficinas; Ensino de Geografia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Objetos Antigos. Fotografia: Silvio Alexandre de Medeiros 26/10/2017	34
Figura 2 - Mapa mundi. Fonte: http://www.guiageo-mapas.com/mapa-mundi.htm Acessado: 26/10/2017	34
Figura 3 - Imagem do YouTube. Link: http://youtu.be/VkPScfQG-Y8 Acesso em: 28/10/2017	35
Figura 4 - Fonte http://humornainformatica.blogspot.com.br/2012/12/geracoes-de-celulares.html Acesso em: 28/10/2017	38
Figura 5 - Fonte: http://www.meioambiente.ufrn.br/index.php/nggallery/page/3?p=5462 Acesso em: 28/10/2017	39
Figura 6 - Fonte: http://www.meioambiente.ufrn.br/index.php/nggallery/page/3?p=5462 Acesso em: 28/10/2017	40

LISTAS DE ABREVIATURAS

ABC – Ação Básica Cristã

ACAFE – Associação Catarinense das Fundações Educacionais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos

CEJAs – Centros de Educação de Jovens e Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EUA – Estados Unidos da América

FAED – Centro de Ciências Humanas e da Educação

FIB – Felicidade Interna Bruta

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IEE – Instituto Estadual de Educação

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

LDB – Lei de Diretrizes e Base

MEC – Ministério da Educação

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PAS – Programa de Alfabetização Solidária

PIB – Produto Interno Bruto

PLANAFOR – Plano Nacional de Formação do Trabalhador

PNAC – Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania

PRONERA – Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária

SECADI – Secretaria de Educação a Distância, Alfabetização e Diversidade

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UDs – Unidades Descentralizadas

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNIASSELVI – Centro Universitário Leonardo da Vinci

UNIRIO – Universidade Federal do Rio de Janeiro

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 – MEMORIAL DE ENTRADA: O RETRATO DO OFICINEIRO.....	11
2 – A TRAMA TEÓRICA: ENTRELAÇAMENTOS NECESSÁRIOS	18
2.1 OFICINAS: OUTROS TERRITÓRIOS EM EDUCAÇÃO.....	18
2.2 – A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CONTEXTO	22
2.3 A OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA	26
3 – “OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA: MOVIMENTANDO NOÇÕES E IDEIAS”...30	
3.1 O PALCO DA OFICINA	30
3.2 O GRUPO DE PARTICIPANTES: DISTÂNCIAS QUE SOMAVAM A GENTE PARA MENOS.....	31
3.3 – O PLANEJAMENTO	32
4 – OS PROCESSOS DESENCADEADOS	41
4.1 NARRATIVAS DE CAMPO	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERENCIAS	47

1 – MEMORIAL DE ENTRADA: O RETRATO DO OFICINEIRO

O espaço geográfico não é um palco de acontecimentos estáticos e nele podemos observar as constantes transformações e mudanças ao longo dos tempos. Este dinamismo do espaço geográfico se apresenta cada vez mais de forma acelerada, visto que a medida que as tecnologias evoluem e que os recursos naturais se esgotam, o ambiente se modifica e se remodela, moldando os modos de vida das sociedades humanas.

Vivenciei um tempo e um espaço geográfico, em que não existiam telefones celulares, *tablets*, internet, *Smart Tv*, aparelhos de DVD, de CD, micro-ondas e etc. Hoje é quase que impensável viver sem tais aparelhos eletrônicos, pois eles estão totalmente ligados ao nosso cotidiano. Lembro-me da infância, no município de Santo Amaro da Imperatriz¹, que tudo era diferente, o telefone fixo, por exemplo, somente era acessível para as pessoas com maior poder aquisitivo. Naquele tempo para nos comunicarmos com familiares ou amigos, era necessário visitá-los em suas casas, e ter a sorte de encontrá-los em suas residências. Estes percursos que fazíamos para visitar pessoas, os mais curtos deles, eram realizados a pé ou com bicicletas, aquelas conhecidas como “roda circular” sem marchas e com freio no pé. Já para trajetos mais longos utilizávamos ônibus, mas como havia poucas linhas que ligavam algumas cidades na época e o dinheiro era curto, deixávamos essa opção somente para casos mais especiais.

Era uma época difícil, a inflação da moeda era uma constante em nossa vida diária, os preços se alteravam duas e até três vezes por dia, e por conta disso, era hábito do cotidiano das pessoas o conserto de seus próprios aparelhos, como a televisão, o rádio e o vídeo cassete, este último que na época era visto como “coisa de rico”. Este hábito de consertar objetos se mantinha também com as bicicletas, geladeiras, fogões, panelas e até mesmo as roupas. Nenhum destes objetos tinha com facilidade seu destino ao lixo, pois tudo se tentava consertar em um primeiro momento, e se não houvesse solução, achávamos um jeito de reutilizar os objetos e estes então, teriam outra utilidade. O lixo era a última opção destinada aos objetos que se estragavam ou que paravam de funcionar. Quase sempre saía mais em conta comprar os materiais para conserto e pagar pela mão de obra a uma costureira, sapateiro ou eletricista da rua do que comprar um novo objeto nas lojas. Lembro de minha mãe com sua própria

¹ Município localizado na região metropolitana de Florianópolis, no estado de Santa Catarina.

máquina de costura, fazendo algumas roupas e consertando as estragadas. Que época boa! Carros, então?! Eram pouquíssimos. As pessoas que possuíam carros tinham um poder aquisitivo mais elevado que as demais e, aos poucos, os modelos que estas possuíam rotulavam – com todo o teor depreciativo que esta palavra carrega - as pessoas e seu “status social e financeiro”. Possuir um carro novo, nunca utilizado por outra pessoa naquela época, era algo muito restrito a um pequeno número de pessoas, em geral, pessoas de alto poder aquisitivo, e naqueles tempos os carros das pessoas que eu conhecia modelos mais populares, eram Fusca, Corcel, Brasília, Chevette, Belina e etc.

O tráfego de automóveis em minha cidade e na localidade em que eu vivia não era intenso nas ruas, e às vezes, demorava quase que até uma hora para transitar um único veículo. Desta forma, era habitual brincar meio às ruas, onde que por raras vezes passavam carros. Lembro de jogar futebol, taco, bolinhas de gude e outras brincadeiras bem no meio da rua. A rua foi o palco de minha infância, e aquele era o espaço geográfico que eu e meus amigos significávamos nossas brincadeiras.

Com o passar dos anos e chegando à fase adulta, fui me percebendo melhor como indivíduo e me atentando também para o mundo que me rodeava que a meu ver se modificava de forma acelerada em comparação ao mundo experimentado em minha infância. Tais mudanças eram percebidas por mim tanto nas relações das pessoas entre si, quanto nas relações entre as pessoas com seus bens materiais, seus objetos e utensílios de uso cotidiano. Já adulto percebia que a relação entre pessoas e os objetos foi se modificando cada vez mais com a inserção das tecnologias digitais introduzidas com maior força na sociedade nos fins dos anos noventa, e que estas estavam cada vez mais rapidamente se tornando presentes no dia a dia dos grupos sociais daquela época.

Percebia que a relação das pessoas com os objetos estava se modificando, conforme já mencionei anteriormente, e um dos exemplos desta mudança que pude vivenciar, era que meu avô em seu engenho utilizava a tração animal de um boi, para produção de aguardente - popularmente conhecida como cachaça – e farinha de mandioca, e com o decorrer do tempo, ele substituiu a tração animal, o boi, por um motor elétrico. Lembro que quando criança, gostava – e ainda hoje gosto – muito de animais e certo dia ao chegar à casa de meu avô, fui correndo ao engenho para ver os bois do engenho. Ao chegar ao local me deparei com um motor ao invés do boi, e fiquei me perguntando: “Onde estava o boi?”. Ao perceber que ele havia sido substituído por um motor, logo pensei: “Será que um motor deste tamanho –

pequeno – pode fazer o mesmo trabalho do animal? Qual o porquê desta mudança?".

Fui aos poucos percebendo através de minhas experiências para com o tempo e com o espaço que as pessoas estavam cada vez mais consumindo produtos eletroeletrônicos e consequentemente consertando menos seus objetos e pertences. Isso me preocupava, pois pensava sobre o destino destes objetos que não eram mais consertados nem reutilizados, e os que ficavam obsoletos (fax, máquinas de escrever, videocassete e outros). Tais atitudes para com os objetos acabavam consequentemente por gerar ainda mais lixo, e por vezes não era difícil me deparar com muitos daqueles utensílios nas margens de córregos, rios, terrenos baldios e amontoados nas vias públicas. Este fato me preocupava e, de alguma maneira, aguçava minha curiosidade sobre os impactos que estas novas atitudes das pessoas com os objetos geravam no ambiente, chamando a atenção do por que aqueles produtos não eram consertados e acabava indo parar no lixo.

Nos tempos que frequentava a escola como estudante sempre tive aptidão com a disciplina de Geografia, sendo que muitas vezes era aprovados meses antes de acabar o ano letivo por conta de ter sucesso nas notas desta disciplina, ao contrário de outras, como Língua Portuguesa, que sempre acabava ficando em recuperação. Acredito que esta afinidade com a Geografia, veio com a necessidade de compreender estas transformações descritas acima, moldando o meu ponto de vista sobre o mundo e a sociedade, abrindo um leque de conhecimentos e novas possibilidades.

Contudo, foi na escola que eu frequentava, em meados dos anos noventa, que tive meu primeiro contato com um computador. Se tratar de um 386², e ficava na biblioteca da escola, sendo que seu uso era restrito para pesquisas escolares. Lembro que a internet não funcionava nada bem e sempre havia filas para utilizar o computador. Posta esta situação, era mais rápido e fácil pesquisar nos livros e encyclopédias da biblioteca da escola do que esperar pela longa fila que se formava ao redor do único computador do colégio. Entretanto, eu achava incrível ver – isso mesmo, olhar já era o bastante – aquela máquina que era o computador e todos aqueles fios, tela, botões e imagens que materializavam a “tecnologia” da época.

No ensino fundamental, as aulas de Geografia eram um tanto quanto maçantes por vezes, pois os professores demandavam que nós, os estudantes, decorássemos nomes de países, suas capitais, os estados brasileiros, nomes de rios e de bacias hidrográficas. No

² 386 trata-se do nome dado à configuração e ao processador de um modelo de computador que existia nos anos noventa.

entanto, o que me chamava muito a atenção nas aulas de Geografia eram os mapas políticos. Sempre me perguntava, por que alguns países eram tão grandes e outros tão pequenos e também qual era o real motivo de existirem países tão ricos e outros tão pobres. Contudo, estes porquês não se movimentavam nas aulas de Geografia, visto que as aulas ministradas prezavam pela memorização de países, continentes e seus respectivos nomes. Minhas aulas de Geografia eram massivamente declamadas através de clichês geográficos, como por exemplo, a China ser a maior população mundial, a Rússia ter a maior em extensão territorial, os Estados Unidos a maior economia e o Brasil um país subdesenvolvido. Estas aulas informativas que prezavam pela memorização de nomes e dados davam pouca ou nenhuma atenção aos estudantes envolvidos nestes processos.

No ensino médio, precisei começar a trabalhar. Desta forma, trabalhava nos períodos matutinos e vespertinos e estudava no período noturno, e assim sempre chegava cansado para as aulas. Confesso que era um tanto quanto desorganizado, lia e escrevia pouco, não utilizava o caderno para anotações, e o que escrevia eram em folhas avulsas cedidas por colegas, que normalmente vinha a perder ou não eram lidas por mim, nem mesmo quando tinha prova. Gostava de ir às aulas e focava minhas energias e concentração nas explicações dos professores e desta forma me saía bem nas provas.

No ano 2000, em que concluí o ensino médio, senti uma euforia, pressão e dúvidas sobre o que fazer no vestibular. No primeiro vestibular que prestei para a UFSC³, optei pelo curso de Economia e, em segunda opção, Letras com habilitação em Alemão – na época era possível realizar duas opções –, mesmo gostando e tendo certa afinidade em Geografia. Na época, pensei em primeiro lugar em estabilidade econômica, ao invés de satisfação profissional e pessoal. Pensava que seria bem-sucedido financeiramente sendo economista do que professor. Porém, tal preocupação não adiantou muito, pois não fui aprovado em nenhuma das duas opções naquele ano. Nos anos seguintes, de 2001 a 2004, prestei os vestibulares da UFSC para o curso de Geografia, mas não obtive aprovação em nenhum deles. Neste meio tempo também fiz o curso técnico em Mecânica no IFSC⁴. Seguia almejando fazer um curso superior, e então passei para o curso de Tecnólogo de Sistemas Digitais, também no IFSC, onde posteriormente também fui aprovado para o curso de Licenciatura em Química.

Todos estes momentos em busca de uma carreira profissional e de estudos me fizeram

³ Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ Instituto Federal de Santa Catarina.

perceber que eu realmente queria cursar Geografia, pois acabava sempre por desistir dos cursos no início ou na metade por não me encontrar neles. Assim, fui fazer mais um curso técnico no IFSC, de Geomensura, hoje nomeado de Agrimensura, entre os anos de 2008 e 2010. No curso de Geomensura tive contato com acadêmicos que cursavam o curso de Geografia na UDESC⁵, onde me convenceram a abrir um novo horizonte chamado UDESC.

No ano de 2009 prestei vestibular para UDESC, para o curso de Geografia, aquele que não havia até então saído de minha cabeça e que eu realmente tinha afinidade. Naquele ano tive êxito no vestibular e fui aprovado em terceira chamada para o curso de Geografia da UDESC. Prestei vestibular também para UFSC optando pelo curso de Física. Aquele foi o primeiro ano em que realizei a prova do ENEM⁶, no qual obtive nota mediana, mas que, mesmo assim, consegui ser aprovado para o curso de Licenciatura em Artes à distância pela UNIASSELVI.

Nestes quase oito anos que estou em uma universidade pública, como acadêmico regular, meio a tantas idas, vindas, desistências dos cursos que iniciei e desisti, não tenho do que reclamar, pois além de estar meio a uma graduação, fiz muitos amigos, conheci novos lugares, e levo comigo muitas boas recordações deste período. A universidade e principalmente o curso de Geografia com seus professores e colegas abriram minha cabeça para o mundo que me coloco como indivíduo, para os novos conhecimentos e desafios em diversas áreas essenciais. Desta forma, pude me colocar a pensar sobre os processos que fazem a compreensão da leitura do nosso cotidiano, do espaço habitado, vivido e experimentado em sua rápida transformação dentro do paradigma da sociedade consumista e capitalista que vivemos.

Apesar dos contratemplos e atrasos da vida, ainda tinha muita dúvida sobre o tema a ser abordado em meu Trabalho de Conclusão de Curso e neste processo de escolha do tema ocorreram diversas mudanças até que eu conseguisse definir um tema de pesquisa. Sempre me identifiquei com o campo de estudos e pesquisas da Educação, pois quero ser Professor de Geografia e exercer esta profissão. Por este motivo procurei escolher um tema que me possibilitaria uma reflexão sobre a prática da Licenciatura.

Por conta de minha trajetória de vida e interesses pessoais para com a relação entre as pessoas e os objetos no tempo e no espaço já descrito anteriormente, me interessei em

⁵ Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

⁶ Exame Nacional do Ensino Médio.

movimentar a noção de obsolescência programada no campo de estudos do ensino de Geografia. A ligação entre o tema obsolescência programada e o ensino de Geografia se deram na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II (Prática de Ensino em Geografia II - Ensino Fundamental)⁷, que teve como ambiente escolar o CEJA⁸ que funcionava nas dependências do IEE⁹. Na época, como trabalhava no período diurno realizou o estágio no período noturno em uma destas turmas da CEJA, pertencente à modalidade de Educação de Jovens e Adultos – uma EJA.

A proposta da professora da disciplina de estágio, Ana Preve, era elaborar as aulas a partir daquilo que gostávamos em nossas vidas pessoas. Uma das colegas elaborou seu planejamento sobre a dança, outro sobre o futebol, e ainda tinha um colega que resolveu elaborar suas aulas através do surf. Enquanto meus colegas já tinham seus temas delimitados, eu seguia em dúvida em relação ao que trabalhar em minhas aulas, e então relatei à professora que gostava muito de objetos antigos e também sobre a maneira que eles eram descartados, além do por que disso acontecer. Partindo deste ponto a professora clareou as minhas ideias e me apresentou o nome deste processo como “obsolescência programada”.

A idéia de trabalhar com a noção de obsolescência programada em minhas aulas surgiram também a partir de um hobby pessoal de colecionar objetos antigos como moedas e cédulas. Além disso, posso também alguns objetos antigos como um ferro de passar roupas à carvão, uma máquina de datilografia, um videocassete, fitas em VHS, dentre outros objetos.

Interesso-me pela relação entre as pessoas e os objetos, por vezes vistos como tecnologias de época em nossa sociedade contemporânea capitalista e consumista. A evolução desses objetos, seu consumo ligado às revoluções industriais no decorrer da história e a maneira que tais objetos são retirados de circulação mercado me instiga pensar sobre o espaço geográfico. Isso abrange também uma discussão sobre o ambiente, como por exemplo, o gasto excessivo de matérias primas para sua produção e o excesso de lixo gerado no seu descarte. Diversas vezes esses objetos são descartados por conta de uma estratégia chamada de obsolescência programada.

A obsolescência programada trata-se de uma estratégia do modelo de desenvolvimento capitalista, em que as empresas criam mecanismos com o intuito de encurtar o ciclo de vida

⁷ Disciplina oferecida pelo curso de Licenciatura em Geografia da UDESC e ministrada no segundo semestre do ano de 2014 pela Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve.

⁸ Centro de Educação de Jovens e Adultos.

⁹ Instituto Estadual de Educação.

útil de seus objetos e produtos para que durem menos tempo do que sua tecnologia os permite. Assim, tais objetos se tornam obsoletos mais rapidamente, levando o consumidor a comprar um novo produto, dando sustentação para o projeto de consumo das sociedades capitalistas. De acordo com Silva (2012), quando falamos de obsolescência programada, podemos dizer que os objetos já são projetados para serem descartados, com uma vida útil programada para durar pouco, ou seja, os objetos já são desenvolvidos, arquitetados, moldados e mapeados sob a premissa de um tempo e espaço, definido e programado.

Assim, através da noção de obsolescência programada busco fazer relações neste trabalho de conclusão de curso com o ensino de Geografia, investigando possibilidades sobre como essa noção pode vir a ser movimentada em uma oficina que potencialize questões que envolva temas geográficos. Neste sentido, optei por operacionalizar uma oficina – compreendida aqui como um fazer em educação – que tem como tema central de interesse e estudo a noção de obsolescência programada, no intuito de movimentar processualmente este tema.

Desta forma, este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo geral compreender e movimentar a noção de obsolescência programada através de uma oficina junto a uma turma da EJA. Os objetivos específicos abarcados por este trabalho são o de desenvolver uma oficina que operacionalize a noção de obsolescência programada junto a uma turma de estudantes da EJA e registrar através de relatos de um diário de campo o processo desta oficina, identificando os pensamentos em torno do referido tema e evidenciando as narrativas geradas sobre os deslocamentos que surgiram ao longo deste processo.

Vale salientar que foram diversos os caminhos percorridos para a consolidação deste trabalho de conclusão de curso. Ao escolher determinados trajetos, me eximi tantos outros possíveis e através de minha caminhada apresentada anteriormente firmo uma posição e também um território de onde falo, escrevo e me construo como Professor de Geografia em formação. Além disso, é importante frisar que este trabalho é consolidado no contexto de uma prática docente, e nesta está implicada também uma reflexão sobre a própria ação dentro de um ambiente escolar, um fazer em Geografia que está posto em movimento e aberto para outras e novas conexões com o porvir.

2 – A TRAMA TEÓRICA: ENTRELAÇAMENTOS NECESSÁRIOS

O presente capítulo tem por objetivo apresentar os principais conceitos e noções que serão operadas nesta pesquisa com intuito de situar o leitor ao tema, de modo que tais ideias serão discutidas com mais profundidade ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Inicialmente será apresentada a noção de oficina explorada neste trabalho, como se dá a compreensão da mesma e sua relação com o ensino de Geografia. Em seguida, serão esboçadas questões relacionadas à modalidade EJA, com uma breve contextualização de sua história no Brasil e Santa Catarina.

E, por fim, será esboçada a noção de obsolescência programada, do que se trata este conceito, seus impactos, sua história, sua relação com a Geografia e seu ensino, e como a mesma está inserida no cotidiano das pessoas.

2.1 OFICINAS: OUTROS TERRITÓRIOS EM EDUCAÇÃO

Ao folhear o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, procurei, confesso que por curiosidade, pela palavra oficina e constatei que a mesma pode assumir variados significados, como: 1 – Casa ou local de trabalho; 2 – Dependência de igrejas; 3 – Laboratório; 4 – Casa de arrecadação; 5 – Estabelecimento comercial que se dedica à manutenção e reparação de veículos; 6 – Aula ou curso prático sobre uma atividade ou um assunto específico.

Os significados destinados à palavra oficina descritos acima são bastante amplos, entretanto, a essência desta palavra aqui empregada é compreendida como um conceito teórico e metodológico pela qual este trabalho se constrói em um tom processual. O conceito de oficina abarcado por este trabalho de alguma forma se entrecruza com as interpretações atribuídas aos números um, três e seis do dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

O primeiro significado atribuído à palavra oficina – *casa ou local de trabalho* - remete a um ambiente, um espaço físico para receber pessoas que desenvolvem trabalhos. O terceiro significado que também nos interessa destinado à palavra oficina – *Laboratório* – é também um lugar, um espaço concreto, que podemos descrever como um lugar de experimentos onde práticas são pensadas e postas em execução. A definição número seis - *aula ou curso prático sobre uma atividade ou um assunto específico* - traz consigo também uma interessante relação entre um tema específico e uma prática que o põe em atividade.

Os significados esboçados brevemente acima através do dicionário Aurélio da Língua

Portuguesa apresentam pistas que se relacionam com a noção de oficina a ser operacionalizada nesta pesquisa.

Indo além das pistas encontradas no dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, as oficinas são também compreendidas neste trabalho como um fazer em Educação que, neste caso em específico, quer estabelecer relações com o ensino de Geografia, ou seja, um fazer em Geografia que se inicia “quando se quer conhecer algo” (CORRÊA, PREVE, 2011, p. 197), neste caso, a noção de obsolescência programada. Desta forma, as oficinas traçam o espaço e o tempo de um fazer em Educação, em algum lugar, sobre algo a ser mais do que estudado ou compreendido, mas sim movimentado, retirado do seu lugar habitual de compreensão para que outras, novas e possíveis conexões com este tema possam ser criadas.

De acordo Corrêa e Preve (2011) as oficinas seguem a tendência de se afastar dos mecanismos estratégicos utilizado pelas escolas, criando um ambiente novo de conhecimento onde tudo pode acontecer. Nesta mesma linha, Pey (2000) relata sobre esta noção de oficina:

É exatamente este “tudo pode acontecer” que potencia romper as regras do jogo da produção de conhecimento, ou seja, olhar por onde não se viu, trazer à luz pontos de vista considerados insignificantes, indesejáveis, tortos pequenos, mesquinhos, perguntar aquilo para o qual não se tem resposta nem provisória, especular como as coisas chegam a ser como são e por quê (p. 72).

As oficinas captadas aqui como um território em Educação que não pertencem a referências escolarizantes, lidam com a Educação de outras formas, diferentes daquelas comuns e próprias das escolas. Neste sentido Firmino (2014) entende que práticas escolarizantes:

[...] geralmente trazem consigo perguntas já feitas e igualmente respondidas. Elas, comumente, não se interessariam pelas possibilidades de outras ou múltiplas respostas, pois essa já existiria: seria uma só e já estaria definida em sua forma correta. (p.57)

Além disso, as oficinas não se preocupam apenas o conhecimento do oficineiro, mas sim com o conhecimento e interesse de todos os envolvidos neste processo, se debruçando sobre o saber inacabado dos indivíduos e pela vontade de se inclinar sobre um determinado assunto, ou seja, o tema central da oficina, que une no mesmo anseio e interesse o oficineiro e

os participantes das oficinas.

Para Corrêa e Preve (2011) o tema a ser explorado e sua ligação com o oficineiro, são um dos pontos mais relevantes no processo de construção da oficina. Nesta pesquisa, o tema obsolescência programada possui uma forte ligação com o oficineiro, por ser tratar de algo que o mesmo se interessa e o afeta em sua trajetória pessoal, conforme foi esboçado no breve memorial introdutório deste trabalho. Neste sentido, Corrêa e Preve (2011) nos salientam que

[...] o processo desencadeado pelo estudo de um tema de interesse do oficineiro, que cria condições para um conhecer com vontade abre possibilidades para o trabalho do educador como professor em escolas. Não se pode esperar de um professor que jamais tenha experimentado situações de estudo movidas por uma vontade viva de conhecer, que possa promover essa vontade junto aos seus educandos em qualquer situação educacional (p. 199).

No que toca a questão do público participante de uma oficina, Corrêa e Preve (2011) salientam que em uma oficina não é necessário delimitar uma faixa etária aos seus participantes, como nas escolas regulares, em que as turmas são divididas por anos que correspondem a faixas etárias próximas. Esta questão coloca-se como um detalhe importante para este trabalho visto que a turma com a qual se deram as oficinas apresentava uma vasta variedade etária, envolvendo homens e mulheres entre dezesseis a oitenta e três anos de idade.

As oficinas se dão em um estado que Corrêa e Preve (2011) chamam de “*work in progress*”, por conta de seu tom inteiramente processual não se doando às exigências e normas escolarizantes. Uma oficina pode ser compreendida como uma alternativa no campo autônomo de pesquisa em educação em que

(...) quer-se experimentar uma questão, um conceito, uma noção. É nesse aspecto que ela não se pauta nas referências escolares, cuja ênfase recai sobre o repasse de informação. No caso da Geografia escolar, a força está centrada na transmissão de informação sobre o espaço. A informação configura um mundo na medida de sua disponibilidade e das suas distribuições: mundo que se conhece não pela porção territorial percorrida, nem pelas experiências diretas no presente, mas, pelo acesso ao gás da informação a respeito do mundo. (PREVE, 2013, p. 258).

O ensino de Geografia adentra o território das oficinas para que novas e outras conexões possam ser estabelecidas neste campo de estudos. Portanto, experimentar diferentes práticas e fazeres que toquem temas, que se relacione com a Geografia promove a

incorporação de novas formas de movimentar tais temáticas, criando possibilidades de estabelecer novas e ventiladas relações com o campo da ciência geográfica (MARTINS, 2014).

Além disso, Martins (2014) salienta que ser Professor na sociedade contemporânea, vai muito além de transmitir os conteúdos para seus estudantes. O ofício do Professor também está ligado ao ato de proporcionar situações em que os indivíduos possam atuar em um mundo repleto de tecnologias, privilegiando práticas inovadoras que signifiquem a escola como um espaço de resistência à exclusão e à seletividade.

Neste sentido, o conceito de oficina fundamentado por Corrêa e Preve (2011) abarcado por este trabalho, apesar de não estar necessariamente relacionado à escola ele se relaciona com a mesma, pois o intuito deste trabalho está em inventar uma prática que provoque o ensino de Geografia.

A oficina nomeada “*Obsolescência Programada: movimentando noções e ideias*” está ligada com o anseio de conhecer e movimentar a noção de obsolescência programada. Para Castrogiovanni (2014), o ato de conhecer é uma viagem, no sentido de que nesta viagem se busca muito mais do que respostas, mas sim propor novos caminhos e questionamentos, pois ao experimentar situações desafiantes, incertas, frágeis e nem sempre seguras, pode estar imbricado o ato do conhecer.

Neste processo, o mais importante são as perguntas, mais do que as respostas, pois as dúvidas e as incertezas nos movimentam e geram questionamentos, e desta forma criam-se possibilidades para podermos relacionar estas noções entre si, gerando assim, uma teia de conhecimentos.

2.2 – A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CONTEXTO

Segundo o site EJA Brasil¹⁰, a Educação de Jovens e Adultos, é uma modalidade de ensino, de grande importância, já que visa oferecer uma oportunidade para pessoas que por qualquer motivo (exemplo: trabalho, família, problemas financeiros e outros) não concluíram o ensino fundamental ou o ensino médio na idade prevista. A EJA aparece para estes sujeitos como uma alternativa para o reingresso às salas de aulas, em que jovens e adultos buscam por uma ação de respeito às suas características culturais, sociais e econômicas com oportunidades educacionais adequadas.

A EJA é definida pela Lei número 9.394/96, como modalidade de ensino destinada a aqueles que por qualquer motivo não tiveram acesso ou continuidade da educação, tanto no ensino fundamental como no ensino médio na idade própria. Sua principal função é fazer valer o que diz o artigo 208, inciso I da Constituição Federal de 1988, que garante o acesso e a permanência ao ensino fundamental a todos. (BRASIL, 1988).

Para Gadotti (2005), a EJA no Brasil se divide em três períodos históricos: de 1946 a 1958 em que o principal objetivo era a erradicação do analfabetismo, principalmente porque existia uma conotação de doença e não seria interessante para a política e a economia do país internacionalmente ter índices tão altos de analfabetos.

De 1958 a 1964 era enfatizada pelos programas de enfrentamento do analfabetismo, iniciada por Paulo Freire e fortemente ligada a centros populares, movimentos de educação de base e igrejas com vínculos à Teologia da libertação, sendo o analfabetismo colocado como reflexo das desigualdades sociais de uma sociedade injusta e desigual.

Já no Governo Civil Militar foi investido nas Cruzadas do ABC (Ação Básica Cristã) e mais tarde no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), um sistema que visava à alfabetização em massa junto ao controle ideológico da população, principalmente da população rural.

Com a chegada da ditadura de 1964, as campanhas pela educação de cunho social foram cessadas e seus dirigentes perseguidos, para Soares (2002) o rígido controle sobre as forças sociais de oposição ao regime permitiu o aprofundamento dos processos que contribuíram com a modernização econômica, cujo sucesso era importante para a expansão da rede física da educação escolar primária deixando em segundo plano a educação de

¹⁰ Disponível em: <http://ejabrasil.com.br/?page_id=98>. Acesso em out. de 2017.

adolescentes e adultos.

Com a constituição de 1967 se estendeu a obrigatoriedade da educação para a idade de 14 anos criando assim uma nova faixa etária a ser atendida pela escolarização de jovens e adultos. Os militares para manter o controle e os interesses políticos e econômicos, criaram, pela Lei 5.376/67, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), realizado com intuito de substituir a Cruzada ABC, tendo Mário Henrique Simonsen seu idealizador, que pronunciava que o movimento seria capaz de eliminar as desigualdades e equalizar socialmente a nação brasileira, o Mobral, na verdade, foi pensado como um meio de servir ao modelo de capitalismo que se pretendia para a época.

Segundo Haddad & Di Pierro (2000), o Mobral funcionava em conjunto com outros programas de alfabetização existentes no Brasil, sua operacionalização era feita pelos municípios que se ficavam encarregados pela organização dos estudantes e da sala de aula e contratação de professores. A Gerência Pedagógica do Mobral Central era responsável pela organização do calendário de aulas até a avaliação do processo educativo dos adultos, ficando a cargo das Coordenadorias Estaduais a garantir a ordem instituída pela Gerência Central, formando assim uma homogeneidade de pensamentos e atitudes em todo território nacional.

O Mobral tinha a meta de acabar com o analfabetismo em dez anos, tendo visto que pelo período ditatorial a que fez parte não encontrou entraves para sua atuação e manteve o controle dos que participaram do processo. Passou a receber críticas após dezoito anos de funcionamento sobre seu curto tempo para a alfabetização e a falta de legitimidade nos índices apontados, fazendo assim perder sua credibilidade. (HADDAD; DI PIERRO, 2000)

Para Soares (2000), os militares instituíram reformas com teor de modernização conservadora no âmbito da educação, com intuito de complementar o Mobral que estava tendo êxito até aquele momento, e segundo Milbradt 2017, apud Brasil, 1971 foi regulamentado pela Lei 5.692/71 o Ensino Supletivo que, em seu artigo 24, apresentava como finalidade:

- A) Suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não tenham seguido ou concluído na idade própria;
- B) Proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte. (MILBRADT 2017, apud BRASIL, 1971)

Segundo Milbradt (2017), o ensino supletivo tinha como objetivo a recuperação do

atraso escolar e complementar o estudo presente e garantindo assim a formação de mão de obra para contribuição do desenvolvimento brasileiro. Por meio do Parecer 699/72, teve seus fundamentos e bases melhorados destacando-se quatro funções:

[...] a suplência (substituição compensatória do ensino regular pelo supletivo via cursos e exames com direito à certificação de ensino de 1º grau para maiores de 18 anos e de ensino de 2º grau para maiores de 21 anos), o suprimento (complementação do inacabado por meio de cursos de aperfeiçoamento e de atualização), a aprendizagem e a qualificação [...] (MILBRADT 2017, apud SOARES, 2002, p. 58 – grifos do autor).

De acordo com o autor, a Nova República extinguiu o Mobral em 1985 e criou a Fundação Educar, que não durou muito tempo sendo extinta, pelo presidente Fernando Collor de Mello em 1990, sendo assim a EJA, passou a ser conduzida pelas esferas municipais e estaduais. Foi criado em 1990 o Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania – PNAC, que prometia substituir a extinta Fundação Educar e tinha como objetivo atuar na transferência de recursos da esfera federal para instituições públicas, privadas e comunitárias que trabalhavam com a EJA. Desacreditado pelo governo Itamar Franco, o PNAC foi extinto no ano seguinte de sua criação.

A década de 1990 foi marcada pela estagnação das políticas e ações na EJA, a união inspirada pelo modelo neoliberal, distribui entre estados e municípios a gestão de vários programas e projetos. Entre eles está o PAS (Programa de alfabetização Solidária), que tinha como objetivo desencadear um movimento solidário de redução do analfabetismo até o final do século, que duravam cerca de cinco meses destinado a jovens de periferias pobres. (HADDAD, DI PIERRO, 2000)

Conforme Haddad e Di Pierro (2000), na década de 1990, teve também o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), destinado a analfabetos trabalhadores rurais assentados, que até o ano de 1999 havia atendido 55 mil estudantes. Este por sua vez, foi fruto das lutas e confrontos dos Movimentos Sociais e em especial do Movimento dos Trabalhadores sem Terra – MST e o PLANAFOR (Plano Nacional de Formação do Trabalhador) foram pensados para a qualificação profissional da população urbana. Somente na constituição de 1988, ela passa a ser definida como uma modalidade de ensino, como direito aos brasileiros segundo a Declaração de direitos Humanos de 1948, passando assim a ser um direito de todos, sendo os sistemas nacionais de ensino responsável para que esses direitos sejam exercidos.

A EJA, segundo Milbradt (2017), é uma modalidade da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, pautada nas Políticas Públicas de Educação no Brasil regida pela LDB, pelo Parecer nº11/2000 e Plano Nacional de Educação, que trazem em sua redação que a EJA é destinada àquelas pessoas que por algum motivo não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade apropriada, assegurando o direito de todos os cidadãos brasileiros à educação.

Para Milbradt (2017), no estado de Santa Catarina a EJA se configura como uma modalidade da educação básica conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9.394/96, sendo ofertada por instituições públicas e privadas em vários municípios do estado. Na rede pública estadual, o atendimento é realizado por 40 Centros de Educação de Jovens e Adultos – CEJAs, ou seja, são unidades escolares que atendem em nível presencial o Ensino Fundamental 1º segmento, o Ensino Fundamental 2º segmento e o Ensino Médio. O atendimento nos municípios da região do estado onde não existe a estrutura física dos CEJAs é realizado pelas Unidades Descentralizadas – UDs, também com oferta da modalidade nos diversos níveis de ensino. As UDs são unidades de atendimento pedagógica e administrativamente vinculadas aos CEJAs.

Segundo a Portaria nº 29, de 11 de agosto de 2015, da Secretaria de Estado da Educação (SANTA CATARINA, 2015), as UDs poderão ofertar turmas em diferentes espaços físicos: escolas municipais, estaduais, unidades prisionais, igrejas, entre outros, desde que, seja firmado convênio com as entidades envolvidas mediante termo de compromisso e com oferta temporária, de acordo com a demanda a ser atendida. Os CEJAs estão regulamentados por leis federais e estaduais para garantir seu funcionamento e atendimento de jovens, adultos e idosos em cada região do estado, tais como: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; Lei Complementar Nº 170, de 07 de agosto de 1998, que dispõe sobre o sistema estadual de educação; Parecer nº 11, de 10 de maio de 2000, do Conselho Nacional de Educação; Diretrizes Operacionais para Educação de Jovens e Adultos, conforme Resolução nº 3, de 15 de junho de 2010, do Conselho Nacional de Educação; Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, conforme Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, do Conselho Nacional de Educação; Normas Operacionais Complementares para Educação de Jovens e Adultos, conforme Resolução nº 074, de 07 de dezembro de 2010, do Conselho Estadual de Educação; Diretrizes Operacionais para oferta de EJA em espaços de privação de liberdade, conforme Resolução nº

110, de 28 de agosto de 2012, do Conselho Estadual de Educação. (SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2016)

2.3 A OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA

A noção de obsolescência programada trata de uma estratégia do modelo de desenvolvimento capitalista, em que as empresas criam mecanismos, como por exemplo a criação de design inovadores, novas funções, novas tecnologias, dentro outros mecanismos, com intuito de encurtar o ciclo de vida útil de produtos para que durem menos do que a tecnologia permite. Assim, eles se tornam obsoletos rapidamente, motivando o consumidor a comprar um novo produto, contribuindo com a sociedade de consumo. Poderíamos dizer que as coisas já são projetadas para serem descartadas, com uma vida útil programada para durar pouco.

Segundo Silva (2012), a obsolescência programada, é considerada uma filha da sociedade de consumo, que popularmente chamamos de consumismo. Bauman (2008) faz uma distinção entre consumo e consumismo, sendo o consumo um elemento inseparável da própria sobrevivência biológica. Para este autor a “revolução consumista” surge mais tarde com a passagem do consumo para o consumismo:

Aparentemente o consumo é algo banal, até mesmo trivial. É uma atividade que fazemos todos os dias. Se reduzido à forma arquetípica do ciclo metabólico de ingestão, digestão e excreção, o consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos. [...] Já o consumismo, em aguda oposição às formas de vida precedentes, associa a felicidade não tanto à satisfação de necessidades (como suas “versões oficiais” tendem a deixar implícito), mas a um volume e uma intensidade de desejo sempre crescentes, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la (BAUMAN, 2008, p.37).

Segundo Conceição (2014) o primeiro caso de obsolescência programada remete a década 20, mais precisamente em 1924. Grupo de fabricantes de lâmpadas dos Estados Unidos e Europa reuniram-se para determinar a vida útil de seus produtos. Naquele momento foi criado um cartel, o *S.A Phoebus*, que determinava a vida útil de mil horas de suas lâmpadas, um número bastante reduzido em relação às três mil horas de duração que elas

eram fabricadas anteriormente. Segundo uma publicação da revista *Printer's* datada do ano de 1928 as empresas *Osram* e *Phillips* que compunham esse cartel determinaram que as empresas do ramo que não seguissem suas recomendações seriam punidas com multas. Segundo o documentário *The Light Bulb Conspiracy*¹¹ (A Conspiração da Lâmpada). Contrapondo esta situação, temos a lâmpada de *Livermore* (cidade localizada na Califórnia, nos Estados Unidos), que segundo o documentário, produzido por Cosima Dannoritzer (2010), ela funciona desde 1901, com direito a festa de aniversário e tudo no seu centenário, é a mais antiga lâmpada em funcionamento do mundo, descoberta em 1972 em um corpo de bombeiro.

De acordo com Silva (2012), em 1929 com a queda da bolsa de valores de Nova York que gerou a queda do consumo, a obsolescência programada se tornou uma alternativa para retomar o crescimento econômico. Porém, segundo Conceição (2014) o conceito de obsolescência programada apareceu pela primeira vez em 1932, através do economista norte americano Bernard London que pretendia acabar com a depressão de 1929 através da obsolescência planejada, ideia que não foi colocada em prática pelas autoridades da época.

Para London (1933), sua teoria consistia em interromper a vida útil dos produtos, para que voltassem a comprar (trocar seus aparelhos mais rapidamente), com intuito de fomentar a produção, gerando empregos e acabando com a crise gerada no ano de 1929.

Segundo o documentário “*The Light Bulb Conspiracy*”(2010), a idéia de obsolescência programada ressurge, vinte anos mais tarde, num cenário de pós-segunda guerra mundial, nos anos cinquenta. Naquele momento, as pessoas eram envolvidas pelos mecanismos da obsolescência programada, ao invés da obsolescência forçada e assim adquiriam produtos mais novos e eficientes de acordo com a dinâmica tecnológica.

O designer industrial norte americano Brooks Stevens, é considerado o pai da obsolescência programada, pois criou desde utilidades domésticas a carros, e seus projetos transmitiam uma ideia de velocidade e modernidade a estes produtos. Stevens viajava pelos Estados Unidos da América promovendo a ideia de obsolescência programada aos fabricantes de produtos, e sua concepção teve grande aceitação naquele momento, pois propagava uma noção de liberdade e felicidade através do consumo ilimitado. Assim, o modo de vida Estadunidense tornou-se a base do consumo que conhecemos hoje.

Segundo Conceição (2014) no bloco comunista na Europa do leste, a obsolescência

¹¹ Documentário produzido por Cosima Dannoritzer no ano de 2010. Tradução: “A conspiração da lâmpada”.

programada não daria certo naquela sociedade. Pois ao contrário dos Estados Unidos, as indústrias daquela região criaram máquinas que chegavam a durar vinte e cinco anos. O sistema socialista da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) tinha outra concepção de produção dos objetos. Não havia a figura do homem capitalista, e o Estado era proprietário responsável pelo modo de produção. Com a falta de recursos, tanto matérias primas quanto tecnologia de ponta, faziam com que a obsolescência não fosse desejada nem mesmo uma alternativa, visto que causaria prejuízo ao Estado.

O documentário *“The Light Bulb Conspiracy”* (2010), traz vários exemplos de obsolescência programada, como é o caso das meias de nylon com fios de alta resistência e durabilidade que foram reprogramadas para ter uma vida útil inferior a do seu projeto original. Os primeiros telefones celulares da marca *Apple*, o *iPhone*, pararam de funcionar com apenas oito meses de uso, e a *Apple* não possuía um suporte para a venda de baterias, obrigando o consumidor a comprar um novo telefone celular, gerando revolta por parte dos clientes e ações na justiça. Um outro exemplo destacado pelo documentário é o caso de uma impressora que simplesmente parou de funcionar, e seu “defeito” era um chip inserido na mesma que fazia a contagem do número de cópias durante sua vida útil, forçando-a parar suas impressões quando esta chegava a um determinado número de cópias.

Para Silva (2012), a obsolescência programada não está intrinsecamente ligada com a durabilidade ou funcionalidade do produto, pois muitos fatores estão relacionados a ela, desde a tecnologia aplicada, até a psicologia humana. O consumismo age para fazer de nós, indivíduos fiéis e felizes ao adquirirmos o lançamento de um celular ou uma roupa em específico. Ao nos sentirmos inseridos no mundo digital ou pertencentes à “moda do momento”, tal mecanismo nos daria a ideia de que tais objetos supririam nossas reais necessidades.

Para Bauman (2008), as novas necessidades impostas pelo o capitalismo imprimem cada vez mais nas sociedades, um frenético o ritmo de consumo de novas mercadorias, impondo novos desejos e necessidades aos consumidores:

Assim, o advento do consumismo inaugura uma era de “obsolescência embutida”, “cultura agorista”, “cultura apressada”, desvalorizando a durabilidade e igualando “velho” a “defasado”, tornando os objetos impróprios para continuar sendo utilizados: “a economia consumista se alimenta do movimento das mercadorias e é considerada em alta quando o dinheiro mais muda de mãos; e sempre que isso

acontece, alguns produtos de consumo estão viajando para o depósito de lixo” (SILVA, 2012 p.188)

O documentário “*The Light Bulb Conspiracy*” (2010), reflete sobre o consumismo ilimitado e suas consequências no meio ambiente dentro das relações das sociedades. Podemos apontar que estas novas relações repercutem no grande crescimento de “lixo eletrônico” (impressoras, celulares, computadores e etc.), que são enviados por contêineres aos países ditos subdesenvolvidos, localizados principalmente nos continentes Americano e Africano, pelos países desenvolvidos, que se destacam os Estados Unidos da América, Reino Unido, Alemanha, dentre outros.

Embora existam tratados que proíbam atrocidades como estas, estes países utilizam-se de artimanhas, alegando que estes materiais ainda são reaproveitáveis, sendo enviados como objetos reutilizáveis, mas na verdade não passam de sucata ou lixo eletrônico.

3 – “OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA: MOVIMENTANDO NOÇÕES E IDEIAS”

Neste capítulo será apresentado o palco, o grupo de participantes, o planejamento e os processos desencadeados através da oficina “*Obsolescência Programada: movimentando noções e ideias*”.

A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, ministrada no ano de 2014, tinha como objetivo planejar e aplicar aula nas escolas, campo em que os estágios aconteceriam. Mediante a este cenário, foram desenvolvidas e planejadas oficinas que seriam operacionalizadas nas escolas campo de estágio de docência naquele ano.

A turma que eu fiquei responsável em trabalhar era uma turma da EJA que estudava no período noturno, pois eu, o oficineiro, trabalhava durante o dia e a única turma disponível para estagiar no período noturno era aquela.

Esta experiência docente aconteceu no segundo semestre de 2014 e para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, foram utilizados os dados obtidos nesta experiência de estágio obtida em outubro de 2014, tais como caracterização do espaço escolar, caracterização da turma e os relatos da experiência esboçados em um diário de campo como forma de registro das observações.

Gostaria de chamar a atenção para o texto a seguir pois o mesmo encontra-se com um tempo verbal distinto do restante do presente trabalho, pois nele consta o planejamento da oficina, ou seja, quando ela não havia ocorrido ainda.

3.1 O PALCO DA OFICINA

A oficina aconteceu em um CEJA¹² localizado nas dependências do Instituto Estadual de Educação - IEE, que fica na Avenida Mauro Ramos, no centro da cidade de Florianópolis – Santa Catarina.

O CEJA atende a jovens, adultos e idosos que queiram iniciar ou ingressar novamente nos estudos, sendo que a idade mínima para o ingresso de jovens é de dezoito anos e a idade mínima para estes mesmos estudantes ingressarem no Ensino Fundamental é de quinze anos. A coordenação do CEJA exige o histórico escolar anterior dos estudantes e sendo uma das condições para o retorno desses às atividades escolares.

No Instituto Educacional de Educação há aulas nos três períodos citados acima e no

¹² Centro de Educação de Jovens e Adultos.

período noturno. A Instituição conta com vinte e uma turmas da modalidade Ensino de Jovens e Adultos.

Os estudantes com repetências consecutivas em escolas regulares, ou até mesmo estudantes que atrapalhavam o andamento da aula ou o desempenho dos seus colegas nos mesmos colégios de ensino regular, são exemplos de perfis de estudantes que hoje estão no CEJA, como afirmou em uma entrevista a coordenadora do CEJA no IEE.

Em relação à existência de algum tipo de orientação para os professores que entram para trabalhar no CEJA, a coordenadora nos informou que os professores observam as condições, o próprio perfil da turma no qual estão inseridos e desta forma, moldam sua maneira de trabalhar sendo que, segundo esta, alguns profissionais não se adaptam.

Desde o ano de dois mil e onze o CEJA está sediado no IEE onde, segundo Sra. Rita de Cássia, os casos de violência são raros. Há também todo um trabalho de doação de cadernos, e material básico para os estudantes carentes.

Os estudantes desta EJA quando necessitam de suporte de laboratório de informática e biblioteca para efetuar trabalhos e pesquisas recorrem a sede do CEJA na rua General Bittencourt, no centro de Florianópolis.

3.2 O GRUPO DE PARTICIPANTES: DISTÂNCIAS QUE SOMAVAM A GENTE PARA MENOS¹³

A turma em que a oficina “*Obsolescência Programada: movimentando noções e ideias*” foi realizada tem como principal característica a grande diferença de idade que se inicia com 16 e vai até 83 anos. Este grupo se caracteriza por ser uma turma que é composta em sua maioria por pessoas que trabalham durante o dia e estudam no período noturno.

Queria ressaltar a ajuda do meu colega de graduação, Ricardo Martins Raquel, e pela professora de Geografia Adriana, da EJA, na qual tive a experiência de estágio, pela abertura para poder ensinar o meu tema.

Durante as aulas, acompanhei e conheci alguns estudantes, todos por sua maioria, trabalhavam durante o dia e estudavam durante a noite, assim como eu. Posso relatar do Sr. Ademir, sua profissão era Promotor de Vendas, este que parou com os estudos por conta da necessidade de cuidar de suas duas filhas e só agora, 20 anos depois, pôde voltar aos estudos.

¹³ Utilizo a frase “Distâncias somavam a gente para menos” de Manoel de Barros (1937), poeta brasileiro, como inspiração para o título deste subitem.

Natural do Paraná, ele elogia o ensino do CEJA e a oportunidade de voltar a sala de aula.

O CEJA promove uma integração entre estudantes, ex-estudantes, professores e funcionários através do uso de redes sociais, comunicando sobre matrículas, horários e outros assuntos envolvendo a temática do EJA.

3.3 – O PLANEJAMENTO

A referida oficina aplicada sobre noção de Obsolescência Programada, teve como objetivo principal: ensinar e conscientizar os estudantes sobre o tema e seu envolvimento com ensino de geografia, este possibilitou trabalhar com as temáticas como: capitalismo, consumismo e globalização.

Neste contexto pretendeu-se dinamizar, a evolução de alguns objetos e novas tecnologias, contrapondo com a obsolescência de outros objetos, que muitas vezes já tem uma vida útil pré-definida, seja em sua fabricação, pela mudança de moda – estética – ou foram substituídos por outro objeto, que possuem mais uma nova função, para assim discutir o descarte desses objetos que ainda em muitas vezes possuem uma vida útil de funcionamento e vão parar no lixo, estes por sua maioria, não são preparados fisicamente para os dejetos tecnológicos que recebem, assim, impactando o meio ambiente, poluindo-o e extraído cada vez mais voraz seus recursos naturais, desta maneira modificando a natureza e a sociedade que vivemos.

A oficina aplicada em uma turma de Ensino de Jovens e Adultos do ensino fundamental de oitavo e novo ano, na unidade de ensino, foi definida em um período de duas aulas faixas – em torno de noventa minutos –. O ensino da EJA foi escolhido, já que o mesmo leva em consideração a bagagem de cada um, ou seja, sua experiência de vida, por se tratar de estudantes com mais idade e sua maioria trabalhadores. A oficina vai ter caráter experimental e expositivo, visto que em pesquisa em livros, artigos e periódicos, não encontrei nenhum material relacionando ensino de geografia com obsolescência programada.

Para a realização da oficina foi utilizado: Um mapa do Planisfério Político do Mundo, os objetos antigos, *como: fita VHS, celulares antigos, fita K7, câmera de foto a filme, disquete e entre outros produtos que são rotulados de obsoletos*, tudo do meu acervo pessoal. Também foi utilizado um retroprojetor e ou notebook para transmissão de um vídeo, além de aproveitar o espaço físico da sala de aula, como o quadro. Primeiramente, precisarei de um pouco de

tempo para a familiarização com a turma e assim, explicar meus objetivos. Em seguida, ao retomar a oficina, foram expostos os objetos antigos em duas carteiras, na frente da sala, de maneira que ficassem visíveis para os todos/todos os estudantes.

Utilizando o mapa do Mundo em um canto do quadro na outra parte do quadro negro escreverei o tema central da oficina que é “Obsolescência Programada”. Começarei perguntando para os estudantes, sobre o tema que está escrito no quadro, e se eles já conheciam ou se já tinham ouvido falar, e em seguida darei em ênfase nos objetos antigos expostos e farei a mesmas perguntas feitas acima, e depois perguntarei qual relação dos objetos com o tema “Obsolescência Programada” então com isso acredito que eles começaram se envolver com o tema e com a aula. Mostrando a fita VHS e o disquete, falarei sobre itens obsoletos, e pedirei para a turma, dar mais exemplos sobre esse assunto. Em seguida perguntarei se conhecem o termo programado, abrindo mais um espaço para discussão e assim explicando o sentido de programado que está escrito no quadro para que posteriormente, explanar sobre obsolescência programada, o que é seu conceito e os tipos de obsolescência. Utilizando o exemplo da geladeira da vovó que durava muito tempo (30 a 50 anos), que hoje já não duram muito tempo, vou solicitar que eles deem exemplos e o que estão entendendo sobre o assunto, enquanto isso os objetos antigos vão passando entre os estudantes.

Posteriormente, para dar mais consistência no conteúdo, aplicarei um breve vídeo, de aproximadamente oito minutos, intitulado de Obsolescência Programada¹⁴. Fazendo novas perguntas para instigá-los o conhecimento para um possível debate, relacionaremos capitalismo, consumismo e globalização e seus impactos no meio ambiente na temática da geografia. Deixaremos um tempo livre para eles exporem suas idéias, e em seguida tiraremos mais dúvidas. Para reforçar a temática da oficina passaremos a música dos Engenheiros do Hawaii, intitulada 3^a do Plural, para aguçar a reflexão dos/das estudantes sobre o consumo e descarte de produtos.

Sem demora, explicarei e sanarei as dúvidas, seguindo para a segunda parte da oficina que consiste na aplicação de um questionário, para verificar se o conteúdo ministrado na turma obteve uma reflexão, e se a didática que utilizei atendeu o esperado em questão de aprendizagem. Abordarei um pequeno texto, tratando sobre a justificativa em escolher esse tema de obsolescência programada e por fim será aplicado um pequeno questionário.

¹⁴ Disponível em: <<http://youtu.be/VkPScfQG-Y8>>. Acesso, nov. de 2017.

A seguir apresentarei detalhadamente mais dos recursos utilizados e materiais produzidos para a oficina:

Abaixo tem uma foto com objetos antigos e cédulas e moedas antigas, tudo do meu acervo pessoal, que serão usados na oficina, serão expostos para os estudantes da turma da EJA.



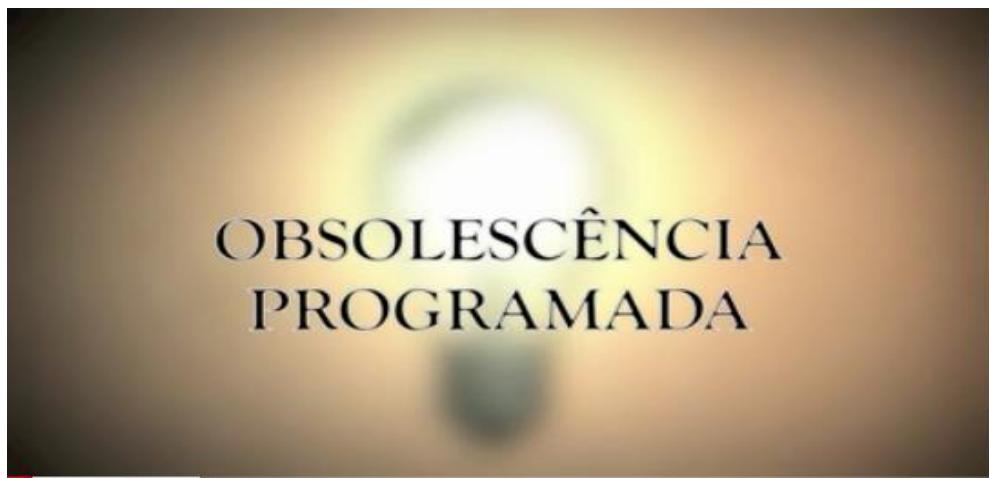
Figura 1 - Objetos Antigos. Fonte: Silvio Alexandre de Medeiros 26/10/2017

Como já explicitado, será disposto no quadro ou uma parede da sala um mapa político terrestre, parecido com ilustração abaixo, com intuito de localizar e apontar alguns países e tirar dúvidas sobre lugares que aparecerão durante a oficina.



Figura 2 - Mapa mundi. Fonte: <http://www.guiageo-mapas.com/mapa-mundi.htm> Acessado: 26/10/2017

Para fluidez e didática do conteúdo será exposto para os estudantes, um vídeo do YouTube de aproximadamente oito minutos de duração intitulado Obsolescência Programada, este feito por uma turma de educação ambiental, do curso de Ciências Ambientais UNIRIO¹⁵ baseada no documentário: “*The Light Bulb Conspiracy*” (A Conspiração da Lâmpada), produzido por Cosima Danneritzer (2010). A escolha deste vídeo, produzido pela turma da UNIRIO, veio devido por ser simples curto e passar a mensagem principal do documentário feito por Cosima Danneritzer (2010). Abaixo temos uma ilustração do YouTube referente ao Video:



Obsolescência Programada

Figura 3 - Imagem do YouTube. Fonte: Link: <http://youtu.be/VkPScfQG-Y8> Acesso em: 28/10/2017

Prosseguindo com a oficina, utilizando a música 3^a do Plural dos Engenheiros do Hawaii (compositor: Humberto Gessinger 2002), que trata do consumismo, relação das pessoas como mercadoria e da publicidade neste contexto, quais fazem as pessoas consumir sem pensar, como trecho da música que diz, (...) Cabeça pra usar boné e professar a fé de quem patrocina (...) e em seguida será distribuído e lida à letra da música para os estudantes

A seguir temos a letra da música 3^a do plural da banda Engenheiros do Hawaii na íntegra:

Corrida pra vender cigarro

¹⁵ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Cigarro pra vender remédio
Remédio pra curar a tosse
Tossir, cuspir, jogar pra fora

Corrida pra vender os carros
Pneu, cerveja e gasolina
Cabeça pra usar boné
E professar a fé de quem patrocina

Eles querem te vender
Eles querem te comprar
Querem te matar (de rir)
Querem te fazer chorar

Quem são eles?
Quem eles pensam que são?
Quem são eles?
Quem eles pensam que são?

Quem são eles?
Quem eles pensam que são?
Quem são eles?
Quem eles pensam que são?

Corrida contra o relógio
Silicone contra a gravidade
Dedo no gatilho, velocidade
Quem mente antes diz a verdade

Satisfação garantida
Obsolescência programada
Eles ganham a corrida
Antes mesmo da largada

Eles querem te vender
Eles querem te comprar
Querem te matar (a sede)
Eles querem te sedar

Quem são eles?
Quem eles pensam que são?
Quem são eles?
Quem eles pensam que são?

Quem são eles?
Quem eles pensam que são?
Quem são eles?
Quem eles pensam que são?

Vender, comprar, vender os olhos
 Jogar a rede... contra a parede
 Querem te deixar com sede
 Não querem te deixar pensar

Quem são eles?
 Quem eles pensam que são?
 Quem são eles?
 Quem eles pensam que são?

Quem são eles?

Dando continuidade as atividades serão entregue aos estudantes, um pequeno texto sobre Obsolescência Programada, contando resumidamente sua história e objetivos, dando por escrito o que já tínhamos explicado e introduzido no inicio da oficina.

A seguir o texto que foi realizado através de pesquisa na internet e experiência de vida, na qual foi trabalhado na oficina:

OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA

INTRODUÇÃO

Essa idéia surgiu a partir de um hobby, colecionar coisas antigas como moedas, cédulas e objetos antigos. Possuo alguns como, por exemplo: ferro a carvão, máquina de escrever, vídeo K7, fitas VHS e entre outros objetos. Compreendo interessante a relação dos objetos e tecnologias para nossa sociedade capitalista e consumidora. A evolução desses objetos e seu consumo ligado ás revoluções industriais ao decorrer da história e a maneira que são retirados do mercado. Isso abrange também a discussão com meu ambiente, como gasto em excesso de matéria prima para sua produção e excesso de lixo no seu descarte. Muitas vezes esses objetos são descartados por meio de “*OBSOLECÊNCIA PROGRAMADA*”. E o “dinheiro” (lucro), como combustível que alimenta essa estrutura.

OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA: Trata-se de uma estratégia de empresas que programam o tempo de vida útil de seus produtos para que durem menos do que a tecnologia permite. Assim, eles se tornam ultrapassados em pouco tempo, motivando o consumidor a comprar um novo modelo.

Os casos mais comuns ocorrem com eletrônicos, eletrodomésticos e automóveis. É

algo relativamente novo: até a década de 20, as empresas desenhavam seus produtos para que durasse o máximo possível. A crise econômica de 1929 e a explosão do consumo em massa nos anos 50 mudaram a mentalidade e consagraram essa tática. É uma estratégia "secreta" dos fabricantes para estimular o consumo desenfreado.

Exemplo:



Figura 4 - Fonte <http://humornainformatica.blogspot.com.br/2012/12/geracoes-de-celulares.html> Acesso em: 28/10/2017

UMA IDÉIA "BRILHANTE": Penso O primeiro caso de obsolescência programada registrado é da década de 1920, quando fabricantes de lâmpadas da Europa e dos EUA decidiram, em comum acordo, diminuírem a durabilidade de seus produtos de 2,5 mil horas de uso para apenas mil. Assim, as pessoas seriam forçadas a comprar o triplo de quantidade de lâmpadas para suprir a mesma necessidade de luz.



IMPACTO AMBIENTAL: A troca regular de produtos aumenta a produção de lixo. E o lixo eletrônico contém metais pesados que pudessem contaminar o ambiente. Além disso, a obsolescência programada estimula a produção, o que gera mais gastos de energia e de matérias-primas, além da emissão de poluentes. Antes de trocar seu celular, pense bem: você realmente precisa de outro, só porque é novo?

“Brasil descarta 96,8 mil toneladas de computadores por ano. Em 1 tonelada de PCs existe mais ouro do que 17 toneladas de minério bruto do metal”



Figura 5 - Fonte: <http://www.meioambiente.ufrn.br/index.php/ngallery/page/3?p=5462> Acesso em: 28/10/2017

Para finalizar, será aplicado como atividade prática, um exercício contendo sete questões sobre a oficina de Obsolescência Programada, com que abrangem o conhecimento desde o primeiro momento que iniciamos o assunto com a turma. Questões sobre o vídeo, a música, o debate, objetos antigos, texto. Em geral, questões sobre a oficina como um todo.

Exercício aplicado:

ATIVIDADES

Nome:

Idade:

1 – O que você entende por OBSOLECÊNCIA PROGRAMADA?

2 – Cite três objetos obsoletos, que foram apresentados ou discutidos em sala de aula, ou outros que você lembre.

3 – Observe a Seqüência de celulares abaixo e depois responda em seu caderno:



Figura 6 - Fonte: <http://www.meioambiente.ufrn.br/index.php/nggallery/page/3?p=5462> Acesso em: 28/10/2017

A – Na sua opinião, o que significa dizer que vivemos na era do descartável?

B – Num curto período de tempo os celulares mudaram muito. Por que você acha que os modelos são tão diferentes?

4 – Qual o papel da publicidade neste processo?

5 – Relacione Obsolescência Programada com o meio ambiente?

Sobre a música terceira do plural, dos Engenheiros do Hawaii responda:

6 – O que a música quer dizer com “cabeça para usar boné”?

7 – Na sua opinião quem são eles?

4 – OS PROCESSOS DESENCADEADOS

Neste capítulo serão esboçados os processos que se deram ao longo do acontecimento da oficina “*Obsolescência Programada: movimentando noções e ideias*” em uma turma da EJA, sob a supervisão da Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve.

Na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia, tinha como objetivo desenvolver uma oficina meio à disciplina de Geografia em uma turma da EJA com temas com os quais, nós estudantes, nos identificávamos, e partir disto optei pelo tema obsolescência programada, por gostar de objetos antigos e pela curiosidade dos seus descartes.

Com essa premissa desenvolvi as aulas em forma de oficina, voltadas a uma turma da EJA, que aconteceram no segundo semestre do ano de 2014.

Para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso utilizei os dados obtidos na experiência de estágio, tais como caracterização do espaço escolar, caracterização da turma e os relatos de experiência expressos no caderno de campo.

4.1 NARRATIVAS DE CAMPO

A oficina “*Obsolescência Programada: movimentando noções e ideias*” teve início com a distribuição do texto que conta um pouco da história da obsolescência programada e de como cheguei na trajetória deste tema¹⁶, bem como com os objetos antigos dispostos em uma mesa na frente deles e no quadro foi escrito o conceito “obsolescência programada”.

Comecei com o questionamento para os estudantes, sobre o tema e o que significava o conceito escrito no quadro, se estes já conheciam ou se já tinham ouvido falar, a sala ficou em silêncio, ninguém se propôs a falar. Então perguntei-se, a se estes conheciam alguns dos objetos dispostos na mesa e se eram familiares, eles olhavam alguns respondiam que eram coisas velhas, que, sabiam o que era, por já ter ouvido falar, mas nem se utilizam mais no cotidiano, outros falavam que já tiveram contato com as mesmas.

Em seguida pedi que eles relacionassem os objetos com a expressão “obsolescência programada” que estava escrita no quadro. Então perguntei para os estudantes apenas o que era obsolescência, dizendo que tinha haver com a palavra obsoleto. Então alguns

¹⁶ Texto na integra capítulo anterior.

responderam: algo velho, não mais utilizado, ultrapassado e entre outros. Gostei muito que conseguiram compreender, então foi a vez da palavra programada, poucos responderam, teve apenas um estudante que respondeu e afirmou que era algo planejado, que tinha um tempo definido. A partir daí comecei a explanar sobre a obsolescência programada e seu significado, que serve como estratégia das empresas que programam o tempo de vida útil de seus produtos para que durem menos do que sua tecnologia permite, tornado os ultrapassados e obsoletos em pouco tempo, motivando as pessoas a comprar um novo produto.

Então peguei os objetos e comecei a passar entre os estudantes. Estes objetos (como previstos no planejamento) eram: uma fita K7, uma fita VHS, um disco de vinil, um CD, um disquete, alguns celulares antigos e outros. Teve um senhor de oitenta e três anos de idade, que me perguntou o que era aquele objeto que estava em sua mão então, verifiquei e vi que se tratava de um disquete, pois para ele entender foi difícil e para eu explicar também foi algo dificultoso, além de ser um objeto ultrapassada e antiga e ele uma pessoa com mais idade, ensinar para que servia e sua funcionalidade foi difícil, já que o mesmo não teve contato com aquele objeto.

Retomando a oficina, comecei a explicar e utilizei como exemplo a geladeira da vovó, ou seja, que durava muito tempo, em torno de trinta a cinquenta anos, enquanto as que são fabricadas hoje em dia não duram muito tempo, ou estragam fácil. Solicitei que a partir desde os estudantes dessem outros exemplos, de acordo com essa temática, objetos que de acordo com a sua vivência eles percebessem que cada vez possuíam menos vida útil.

Uma estudante deu um exemplo muito interessante do seu entendimento do assunto ao falar da marca de vasilhas plásticas “*Tupperware*”, que não se encontrava mais no mercado produtos desta marca, que era muito resistente, perdeu lugar para a enorme concorrência de outras fábricas de potes e artigos similares vindos da china. Outro estudante já deu um exemplo um pouco diferente, dos argentinos que não ligam muito em trocar de carro, sendo visível nas praias de Florianópolis na temporada de verão, contrapondo seus carros com os dos brasileiros, que trocam regularmente.

De outro ponto de vista da discussão, um estudante de mais idade que não concordou muito com a proposta da oficina, no caso utilizando o argumento, no caso do aparelho celular, achou certo a evolução dos celulares, pois afirmou que seu celular o ajuda muito em seu trabalho, de corretor de imóveis, então perguntei a ele qual era o modelo de seu celular. Ele respondeu *Iphone 4* (Era um celular avançado e caro em 2014), então dei sequência ao

diálogo dizendo que já haviam lançado o *Iphone 4s* (também um celular avançado em 2014). Ele respondeu que seu celular atendia suas necessidades e que esse modelo mais novo, o *Iphone 4s*, só tinha a função de comando de voz a mais do que seu *Iphone 4*.

Esse foi um claro exemplo de mecanismos da obsolescência programada, e dialogando com os estudantes, podemos conversar sobre as marcas diluírem diversas funções dos objetos em vários modelos ao invés de lançar um objeto mais completo e avançado, em um único aparelho celular, por exemplo. A discussão foi proveitosa, porque o discurso do estudante fez a turma compreender que a obsolescência programada não tem só haver com maior ou menor evolução do objeto, mas também e sobre tudo com a sua maior ou menor vida útil no espaço geográfico.

O exemplo que mais chamou a minha atenção foi uma estudante de aproximadamente sessenta anos que era muito participativa nas aulas. A mesma falou que antigamente sua família fazia consórcios de caminhão. Na época do sorteio a concessionária não dispunha de caminhões, foi então que eles adquiriram uma televisão no lugar e receberam um pouco do valor de volta. Atualmente essa troca, em relação ao valor material é algo muito discrepante. No entanto esse exemplo demonstra a evolução do valor dos produtos na sociedade, pois hoje uma televisão é algo que quase todas as famílias brasileiras possuem e é facilmente trocada por outro aparelho moderno, sendo o aparelho velho facilmente descartado indo parar muitas vezes no lixo com funcionamento de uso.

Posteriormente juntos, eu na condição de oficineiro e os estudantes refletimos e dialogamos sobre a questão, da minha parte os questionei sobre o que seria feito com aqueles produtos obsoletos, qual seu destino, e os estudantes responderam prontamente que seria o lixo se esses materiais não fossem reciclados. Os mesmos também chegaram a conclusão que a natureza sofreria os impactos e assim teria, que produzir novas matérias para novos produtos e absorver todo esse lixo caso não houvesse sua reutilização como foi colocado anteriormente.

Para problematizar ainda mais o assunto, propus uma reflexão levantando o fato do problema do lixo eletrônico, que muitas vezes é enviado para países subdesenvolvidos tais como Gana e Brasil, pelos países desenvolvidos como Estados Unidos, Reino Unido com a desculpa, que são aparelhos de segunda mão, mas na verdade não passam de lixo eletrônico. Desta forma, acredito que consegui levar os estudantes a pensarem o quanto a natureza era e é prejudicada, tanto pelos produtos descartados nela, e o quanto é necessário se retirar de matéria prima da mesma para produção de tais produtos.

Para dar mais movimento ao tema além do debate apresentei um vídeo breve de aproximadamente oito minutos retirado do *YouTube* com título de “Obsolescência programada”. No vídeo aparecia o exemplo ocorrido no Butão, um pequeno país que fica ao lado da China, que mostrava que seu desenvolvimento era mensurado através do “FIB” (Felicidade Interna Bruta), algo para nós similar ao IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) ao invés de usar o PIB (Produto Interno Bruto).

Com o vídeo e com o debate, utilizei o mapa *mundi* e para questionar os estudantes sobre a localização continental do Butão e da China, mas poucos souberam responder. Então apontando para o mapa *mundi* fixado no quadro, mostrei para os estudantes a localização dos mesmos e ressaltei sua distância que era relativamente pequena. Aproveitando a deixa perguntei para eles, sendo o Butão vizinho da China, porque ele não importava seus produtos industrializados de baixo custo, sendo países que estão em outros continentes como o Brasil os consomem? Então fiquei espantado com a resposta de um estudante, pois o mesmo respondeu: “É uma questão cultural, o consumo, onde países tem, necessidades diferentes de acordo com sua cultura”. Fiquei maravilhado pois apesar do estudante estar na sexta série do ensino fundamental da EJA, ele compreendeu a essência da oficina. A oficina fluiu tocando e passando por temas pertinentes à Geografia como capitalismo, consumismo e globalização bem como impactos no meio ambiente.

Para dar mais movimento para a oficina levei para a sala de aula uma música dos Engenheiros do Hawaii, intitulada *3^a do Plural* (a letra na íntegra encontra-se no subcapítulo anterior), que reflete sobre o consumo e descarte de produtos. Esta música trata também do consumo com a relação das pessoas como mercadoria. A letra da música foi entregue aos estudantes para que estes pudessem ler e refletir sobre o tema e a importância da oficina. A música foi tocada a partir de caixas de som conectadas ao meu *notebook*, para que os estudantes pudessem escutar e acompanhar a mensagem que a música trazia e que pudessem relacioná-la com o tema já debatido e os objetos expostos.

Referente a música fiz algumas perguntas sobre trechos dela, e em uma destas perguntas, perguntei “quem são eles”, então me responderam que “eles” eram as empresas, multinacionais, o governo, os donos de fábricas entre outros. Fiz outra pergunta sobre outro trecho que diz “cabeça para usar boné”, então perguntei o que eles entenderam sobre este trecho, e, um estudante respondeu que se tratava de uma cabeça que não pensava e outro complementou afirmando que esta cabeça estava hipnotizada pelas propagandas. A partir daí

comecei a falar sobre a papel da publicidade na retirada de produtos do mercado e do papel da moda que é inventada pelas indústrias, principalmente as de vestuário, difundidas pelos seus garotos e garotas propaganda.

Por último finalizei oficina “*Obsolescência Programada: movimentando noções e ideias*” relacionando este conceito ao campo de ensino da Geografia, e distribuí um pequeno questionário contendo sete perguntas (o questionário na íntegra encontra-se no subcapítulo anterior) sobre o que foi abordado na oficina para que os estudantes pudessem organizar seus materiais de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de obsolescência programada, é o conceito central que movimenta em torno do tema toda a pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso, sendo caracterizada como uma estratégia das empresas que visa encurtar o tempo de vida de seus produtos, para que durem menos que sua tecnologia permite. Nesta estratégia de mercado, o tempo e o espaço dos objetos são programados, para ter uma vida útil planejada nesta sociedade capitalista que vivemos.

Através da noção de obsolescência programada, foi criada uma oficina, estas compreendidas aqui como um território em que habitam fazeres em educação, e que compreendo aqui também, como um fazer em Geografia. A oficina tentou ir além do paradigma tradicional do ensino da Geografia, que geralmente se propõe decorar dados, nomes de países, capitais e rios e etc. Desta forma criou-se um território para que os participantes explorassem outras noções que envolvem o mundo contemporâneo, como a obsolescência programada.

A oficina “*Obsolescência Programada: movimentando noções e ideias*”, foi operacionalizada em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por levar em consideração a bagagem de vida adquirida por cada um desses indivíduos, por se tratar de estudantes com mais idade e por sua maioria, trabalhadores. Por sua vez, estes, sem terem contato ou saberem do que se trata a noção de obsolescência programada e sua relação com o ensino da geografia, já demonstravam em suas falas pequenas pistas sobre o tema que seria trabalhado na oficina.

O tema obsolescência programada, a meu ver, tem total importância no mundo atual e quando pensamos sobre o ensino de Geografia, pois mobilizam conceitos como Globalização, Consumismo e Capitalismo, temas caros, muitas vezes estudados isoladamente e distantes da realidade que cerca os estudantes. A maneira que a tecnologia evolui e os produtos são retirados do mercado, moldam a sociedade e transformam o espaço geográfico, e também se tem a preocupação ambiental com o destino destes produtos obsoletos que geralmente vão parar no lixo. Para ressaltar a importância deste tema, se tem o exemplo do vestibular da ACAFE para o ano de 2018, onde na prova de Geografia havia uma questão sobre a obsolescência programada.

Em uma pesquisa prévia, feita no banco de periódicos da CAPES, não foram encontrados materiais referente a este tema na área de ensino de Geografia. Sem alternativas teóricas neste campo recorri a trabalhos de outras áreas, como Filosofia, Direito, Administração, Moda, etc., para complementar minhas pesquisas e melhorar meus conhecimentos sobre o conceito de obsolescência programada.

Desta forma, finalizo este trabalho de conclusão de curso ressaltando que o tema explorado ao longo destas páginas trata-se de um tema que gosto muito de ler e que faz parte de minha vivência como cidadão consciente no que diz respeito às causas ambientais. Como futuro professor de Geografia, posso dizer que até o presente momento procurei esboçar neste trabalho as possibilidades que estavam ao meu alcance em trabalhar um determinado tema em uma oficina, e também relatar as dificuldades neste processo de formação que por vezes consegui vencer e por outras não, mas que me colocaram em contato com o mundo da licenciatura e me fizeram desejar ainda mais a profissão e o ofício de ser Professor de Geografia.

REFERENCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Vida para o Consumo - a transformação de pessoas em mercadoria. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 01 nov. 2017.
- _____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Brasília, DF: 2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documentoreferência.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2017.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos [et al] (Org.). O ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- CONCEIÇÃO, Joelma Teles Pacheco, et al. Obsolescência Programada – Tecnologia a Serviço do Capital, 2014, disponível em <http://www.revistaseletronicas.fmu.br/index.php/inovae/article/view/386/548> acessado: 19/09/2017
- CORRÊA, Guilherme; Preve, Ana Maria H . A Educação e a Maquinaria Escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. Revista de Estudos Universitários, v. 37, p. 181-202, 2011.
- DANNORITZER, Cosima. The Light Bulb Conspiracy. Youtube, 18 abr. 2017. Disponível em <https://youtu.be/H7EUyuNNaCU>. Acessado em 23out. 2017.
- Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Online. Disponível: <https://dicionario.aurelio.net/oficina>. Acesso: 16/10/ 2017 ejabrasil.com.br, disponível em http://ejabrasil.com.br/?page_id=98, acessado:21/10/2017)
- FIRMINO, Larissa Corrêa. Um ver a mais na cidade: Geografias, Imagens e Educação. Florianópolis: UFSC, 2014, 179 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. In: Revista Brasileira de Educação, nº 14, p. 108-194, 2000.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: LDB nº 9.394. Brasília, DF: 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/articleid:legislacoes>>.Acesso

em: 23 abr. 2017.

LONDON, Bernard. The New Prosperity: permanent employment, wise taxation and equitable distribution of wealth. New York: New York, 1933

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski. A trajetória da Geografia e o seu ensino no século XXI. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos [et al] (Org.). O ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: Mediação, 2014.

MILBRADT, Jaqueline Creisy Carvalho. Sonhei que sabia ler e escrever: vozes femininas no processo de escolarização na Educação de Jovens e Adultos. 2017, disponível em <http://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1009973/Jaqueline.pdf> acessado: 20/09/2017.

PEY, Maria Oly (org.). Pedagogia Libertária: experiência hoje. São Paulo: Imaginário, 2000.

PREVE, Ana Maria H. Perder-se: experiência e aprendizagem. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao (Orgs.). Grafias do espaço: imagens na educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Alínea, 2013, p.257-277, 2013.

Revista *Printer's* (1928). vol. CXL III nº 6 New York, may, 10, 1928

SOARES, Leônio José Gomes. Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, Maria Beatriz Oliveira. OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA E TEORIA DO DECRESCIMENTO VERSUS DIREITO AO DESENVOLVIMENTO E AO CONSUMO (SUSTENTÁVEIS), 2012, disponível em <http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/252/214> acessado: 20/09/2017